



P E N G U I N



C L Á S S I C O S

**HERMAN MELVILLE**

---

**BARTLEBY, O ESCRIVÃO**



HERMAN MELVILLE nasceu a 1 de agosto de 1819 em Nova Iorque. Foi o terceiro de oito filhos de Allan e Maria Melvill, nascido numa prestigiada família de ascendência escocesa. O pai tinha um negócio de importação que, apesar de próspero, não era suficiente para acompanhar o estilo de vida a que se entregava nem as dívidas que contraiu para o sustentar. A sua morte, em 1832, deixou a família numa situação financeira ainda mais precária e teve um impacto profundo na juventude de Melville. Aos 12 anos, começou a trabalhar como bancário no New York State Bank, o primeiro de vários empregos que teve para ajudar a sustentar a numerosa família. Aos 18 anos, depois de frequentar, intermitentemente e enquanto trabalhava, o curso de Latim, Melville embarca no navio mercante *St. Lawrence* como ajudante e, dois anos depois, junta-se à tripulação do baleeiro *Acushnet*, de que deserta quando este chega às ilhas Marquesas para viver com os nativos, uma experiência que descreverá no seu livro *Typee*, de 1846. Ainda em 1841, a bordo do baleeiro *Lucy Ann*, Melville tomou parte num motim de tripulantes que o levou à cadeia, no Taiti, de onde conseguiu fugir pouco depois. O relato desta experiência, deixa-o em *Omoo*, publicado em 1847. Estes dois livros foram êxitos de vendas e da crítica em Inglaterra e nos Estados Unidos e Melville tornou-se um reconhecido escritor e aventureiro. Em 1847, casou com Elizabeth Shaw, com quem teve quatro filhos e, em 1849, publicou *Redburn*, romance semiautobiográfico onde descreve os últimos dias do pai. Em 1851 é publicado aquele que hoje conhecemos como o mais importante e ambicioso romance americano, a obra-prima *Moby-Dick*, na altura publicada sob o título *The Whale*, dedicado ao amigo e escritor Nathaniel Hawthorne. A receção e as vendas desastrosas deste livro ditaram o declínio do escritor nas décadas

seguintes. Em 1856, publicou *The Piazza Tales*, uma coletânea de seis contos anteriormente publicados na *Putnam's Monthly Magazine*, entre os quais se encontra *Bartleby, o Escrivão*, apontado como um dos melhores contos jamais escritos. À data da sua morte, a 28 de setembro de 1891, Melville era considerado um vulto menor das letras americanas, cuja obra se encontrava praticamente toda fora de circulação. O reconhecimento da importância de Melville, romancista, poeta e escritor, para a literatura americana e mundial chegaria apenas no século xx, em 1919, por ocasião da celebração do centenário do seu nascimento.

PEDRO SOBRADO nasceu no Porto em 1976. É formado em Ciências da Comunicação e Estudos de Teatro. É professor de Literatura Dramática. Trabalhou no departamento de Edições do Teatro Nacional São João, de que é, atualmente, presidente do Conselho de Administração. Participou como dramaturgista em espetáculos de Nuno Carinhas e de Ricardo Pais. Tem publicado ensaios sobre autores como Gil Vicente, Bertolt Brecht, Eugene O'Neill, Jean Genet ou Samuel Beckett, bem como sobre as relações entre a Bíblia e a literatura. Mencione-se *Quase Nada*, um pequeno livro sobre Robert Walser (Edições Húmus, 2020).

TATIANA FAIA é autora de quatro livros de poemas: *Lugano, teatro de rua*, *Um quarto em Atenas* e *Leopardo e Abstracção*, e de um livro de contos, *São Luís dos Portugueses em Chamas*. Em 2019, o Prémio Pen de Poesia foi atribuído a *Um Quarto em Atenas*. É uma das responsáveis pelo projeto editorial independente Enfermaria 6. É doutorada em Literatura Grega Antiga, com uma tese sobre a *Ilíada* de Homero. Traduziu para português obras de Homero e Anne Carson, entre outros.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	
Bartleby, privacidade e convívio	vii
Bartleby, o Escrivão	1
NOTAS	83

## INTRODUÇÃO

### Bartleby, privacidade e convívio

#### I.

Canecas, *T-shirts*, crachás, bonés, autocolantes, cadernos, *tote bags*, ímanes para o *MacBook* ou a porta do frigorífico: a formulação *I would prefer not to* enxameia o mundo, alimentando hoje lucrativas linhas de *merchandising*. Aquele que delas mais devia beneficiar — o jeito que lhe daria nos momentos de aperto, que também os teve — já não pode do irrisório *slogan* extrair qualquer proveito. Falo de Herman Melville, o autor de *Moby-Dick*, fracasso editorial de 1851 que se converteria, postumamente, na epopeia da nação que erigiu o sucesso

como medida de todas as coisas. Esse artigo da Fama, a glória póstuma, nada aproveita ao seu titular. A proliferação contemporânea da «Fórmula» — palavra com ressonâncias mágicas e sacramentais, também químicas e matemáticas, empregue por Gilles Deleuze e Giorgio Agamben para designar a frase infalível com que o escrivão Bartleby passa, a dada altura, a responder a qualquer razoável solicitação —, a sua reprodutibilidade e veloz propagação, mesmo entre aqueles que não leram a novela de Melville, lembra a eficácia de um vírus. Deleuze assinala o carácter altamente contagioso desse imperativo categórico às avessas: «Preferia que não.» Toda a população do escritório *apanha* a palavra *prefer*, aplicando-a involuntariamente nas mais diversas ocasiões, por vezes a despropósito. «Então, também contraiu a palavra», diagnostica o homem de leis quando a ouve sair da boca de um dos seus mangas-de-alpaca. O mantra de Bartleby é inoculado no espírito dos que o ouvem, fagocitando-lhes a linguagem e o pensamento, como chega a temer o patrão-narrador, alarmado pela disseminação epidémica da «estranha palavra» que ninguém antes empregava. *I would prefer not to*

é, na sua própria gênese, um meme: a unidade mínima de um sistema que é copiada, imitada e se espalha à velocidade da luz, desencadeando novas variantes. Já ouvimos rumores de microrganismos que se escapam do ambiente controlado dos laboratórios. O vírus de *Bartleby* escapuliu-se do ecossistema ficcional de um escritório de Wall Street e tomou conta do *real*, sabendo estabelecer com o hospedeiro uma relação estável. Agora, como diria o *beatnik* William Burroughs, pode desdenhar de vírus de baixo coturno como a varíola ou o SARS-CoV-2, entregando-os ao Instituto Pasteur.

## 2.

Escrever uma introdução a *Bartleby*, o *Escritor: Uma História de Wall Street* é uma tarefa condenada ao fracasso, ou um exercício ocioso. Os comentários progridem como um novelo vivo, seria impraticável rastrear a bibliografia consagrada à personagem e à sua obstinada réplica. *Bartleby* é o magricela da abundância, um anorético que excita a bulimia da explicação. A sua palidez espectral gera

as mais garridas interpretações: psicológicas, teológicas, políticas, clínicas, filosóficas, esotéricas. Sem vintém, continua a imprimir o papel-moeda a que chamamos *sentido*. Há quem na história do escrivão encontre uma parábola — kafkiana *avant la lettre* — da lei, um emblema do niilismo, uma alegoria autobiográfica do escritor falhado, uma denúncia do capitalismo, uma narrativa sobre a esquizofrenia ou o autismo, uma fábula sobre a alienação do trabalho e o homem mecanizado das grandes metrópoles, uma paródia da burocratização, um magnífico símbolo imprestável. É virtualmente impossível considerar todos os caminhos — estradas e carreiros de contrabando — que esta curta novela publicada anonimamente em 1853, em dois números da *Putnam's Magazine*, continua a abrir. Bartleby assemelha-se às imperscrutáveis estátuas da Ilha de Páscoa, a que acorrem chusmas de arqueólogos e turistas, afobando-se em torno de enigmáticos símbolos e hieróglifos. Não é apenas a fórmula de Bartleby que justifica o interrogatório, mas todos os elementos da narrativa. Que significado pode ter a arquitectura do escritório, e a circunstanciada descrição das *vistas* que oferecem

as janelas dos aposentos — a parede branca do interior de um saguão e um muro enegrecido de tijolo? O que dizer do microcosmo, delimitado pelo biombo verde, em que o escrivão é instalado? Que função desempenham na ecologia burocrática os dois copistas irascíveis, duplos invertidos, cujos paroxismos se rendem mutuamente como sentinelas? Que alcance possuem as suas alcunhas de *cartoon* — Peru, Pinças e Gengibre, o «promissor» moço de recados —, para além do contraste anedótico que produzem quando confrontadas com os nomes solenes de John Jacob Astor, o primeiro multimilionário da história dos EUA, de Lord Byron ou do cônsul romano Caio Mário? Que lugar na economia simbólica do enredo detém o iminente busto em gesso de Cícero, no qual um não menos lívido Bartleby crava o olhar durante uma alteração com o patrão? Que pista para resolver o enigma nos pode conceder a bibliografia referida pelo narrador: tratados filosóficos e teológicos sobre as categorias de vontade e necessidade, livros que parecem trazer um momentâneo consolo ao homem de leis? Residirá porventura no inverificável «rumor» final, segundo o qual Bartleby fora

funcionário subalterno do serviço de refugio postal, a chave da existência do escrivão? Não há aspecto ou detalhe indigno de esquadrinhamento e investigação. Como viu Agamben, o escrivão assemelha-se ao Barnabé kafkiano, mensageiro de quem se diz que «ignorava o conteúdo das cartas que lhe eram confiadas, mas também o seu olhar, o seu sorriso, o seu jeito de andar, pareciam uma mensagem, mesmo se o não soubesse».

Justificadamente, pode falar-se de uma nova disciplina ou ciência, a bartlebyologia, como entre nós fez Francisco Luís Parreira, para quem «a modernidade literária é, em boa medida, a resposta à pergunta *Que coisa aconteceu ao escrivão?* e, decididamente, o comentário continuado da sua fórmula». Obras como as de Walser, Kafka, Musil ou Beckett não lhe fazem menção, mas nas suas páginas comparece, a contraluz, o espectro do escrivão de Wall Street. Bartleby permanece mudo e quieto, fazendo, contudo, incessante apelo ao excuro e à digressão: ele é «o vagabundo que recusa mexer-se», reconhece paradoxalmente o patrão, a quem cabe antecipar, em chave paródica, as angústias e os impasses interpretativos a que

a charada de Herman Melville submete os seus leitores. Ainda que permaneça «estacionário» e inamovível como o eixo terrestre, faz girar tudo em torno de si, dentro e fora da narração. É possível que aquele que dele se acerque seja acometido por ton-turas. A novela oferece-nos o relato de uma mon-tanha-russa emocional, na qual o homem de leis experimenta à vez inquietação, perplexidade, cólera, medo, piedade, repulsa, impaciência, excitação ner-vosa, uma «esmagadora e pungente melancolia». Bartleby prefere «não fazer qualquer mudança», desencadeando a maior delas. O mundo do escri-tório desaba, teme-se um motim, a ordem pública é ameaçada. (Foi em Bartleby que Slavoj Žižek encontrou inspiração para um dos seus refrões: «Por vezes, não fazer nada é a coisa mais violenta que se pode fazer.») Vendo-se na necessidade de fugir como um criminoso, o Magistrado da Chancelaria entrega-se à errância, fazendo de uma caleche a sua provisória habitação, enquanto o copista permanece geologicamente imóvel. Não é a loucura de Bartleby que avança, mas a de todos à sua volta, em especial a do advogado, *an eminently safe man* absorvido pelas mais bizarras proposições e conjecturas, cuja

conduta adquire contornos demenciais, oscilando entre impulsos homicidas e o amor incondicional ao escrivão. Bartleby ocupa o olho do furacão, o ponto da tempestade onde o vento sopra moderado e o céu está limpo. Por detrás do seu biombo verde como uma pradaria — a derradeira peça de mobiliário a ser removida do escritório devoluto —, o clima é ameno e o escrivão pode «sonhar acordado». Tudo o resto é arrastado pelo torvelinho da sua irremissível fórmula: «Preferia que não.»

## 3.

A fórmula de Bartleby é tão bela como a Vénus de Milo (ou o binómio de Newton). Em que coisa radica a sua beleza, e a sua monstruosidade? Qual o seu esplendor terrível, que parece não deixar nada intacto à sua proferição? Em *Crítica e Clínica*, Gilles Deleuze submeteu a expressão a exame, reconhecendo nela uma poderosa combinação de afectação e transgressão gramatical, repetição mágica e mecânica inexpressividade. O filósofo assinala que a réplica exhibe um pendor

cerimonioso ou maneirista — o verbo *prefer* é infrequente, *I had rather not* seria a formulação normal —, possuindo ao mesmo tempo a força das expressões assintácticas, como *he danced his did* de e. e. cummings. A terminação abrupta *not to* deixa-nos inclusive hesitantes quanto ao que é recusado, ou melhor, não preferido. Gramaticalmente, a frase afigura-se correcta, mas parece enfermar de uma anomalia congénita, como se correspondesse à má tradução de uma frase escrita numa língua estrangeira. («Talvez seja a fórmula que forja uma língua estrangeira dentro da língua», apressa-se a corrigir Deleuze.) Proferida numa voz átona, sem a mínima ênfase, a réplica de Bartleby não constitui nem uma afirmação nem uma negação: a ambiguidade é-lhe consubstancial. Ao contrário do que pretende Enrique Vila-Matas, que vê na personagem o pólo irradiante de uma «literatura do Não», Bartleby ignora o *pathos* heróico da negação: o *nim* é a sua glória, o seu terror e miséria. Por um lado, o escrivão não recusa propriamente, apenas sinaliza um não-preferido (cotejar, fazer recados, etc.); por outro, também não aceita, revelando-se incapaz de enunciar uma preferência (copiar). De resto,

como faz notar Deleuze, a partir do momento em que diz «preferia que não» (cotejar), Bartleby também já não pode mais copiar. É verdade que continuará a copiar até à sexta ocorrência da fórmula, mas, quando se apercebe disso, a impossibilidade adquire foros de evidência, diz Deleuze, sendo apenas «o resultado diferido que se encontrava já compreendido na primeira enunciação da fórmula». Por essa razão, quando o patrão lhe pede explicações, Bartleby responde, candidamente: «Não vê por si o motivo?» A fórmula que inviabiliza qualquer outra acção absorve a própria acção de copiar, que nem sequer precisa de ser recusada. (Note-se que Bartleby nunca diz que prefere não copiar, comunicando simplesmente ao patrão: «Desisti de copiar.») Se a fórmula desencadeia um efeito arrasador, é porque não se limita a indeferir o que Bartleby prefere não fazer, cancelando também, acto contínuo, aquilo que ele fazia, como que retroagindo sobre a única actividade que era suposto preferir ainda.

[A fórmula] abole o termo a que se refere e que recusa, mas também o outro termo que parecia preservar e que se torna impossível.

De facto, faz deles coisas indistintas: abre uma zona de indiscernibilidade, de indeterminação, que não cessa de aumentar, entre actividades não-preferidas e uma actividade preferível. Toda a particularidade, toda a referência é abolida. A fórmula aniquila «copiar», a única referência em relação à qual alguma coisa poderia ser ou não preferida. *Preferiria nada em vez de preferiria alguma coisa*: não uma vontade de nada, mas a progressão de um nada de vontade.

Só este poder de devastação explica que, a cada ocorrência, a frasezinha instale o estupor em torno de Bartleby, deixando o homem de leis estarrecido — convertido numa estátua de sal —, ou ourado e cambaleante, como que tomado por vertigens. «É como se se tivesse escutado o Inominável ou o Inexorável», diz também Deleuze. A fórmula revela-se uma máquina autotélica, «que não cessa de se recarregar a si mesma», infernal *perpetuum mobile*, alimentando-se do seu próprio movimento e pulverizando toda a referencialidade, sem reenviar já para qualquer coisa exterior a si: *I would prefer not to prefer not to...*

Bartleby, o Escrivão

Uma História de Wall Street

Sou bastante idoso. Nos últimos trinta anos, a natureza dos meus afazeres fez-me entrar em contacto mais do que regular com o que parecia um grupo interessante e um tanto singular de homens, sobre quem, tanto quanto sei, nunca nada se escreveu — refiro-me aos copistas de leis ou escritvães. Conheci muitíssimos, profissionalmente e em privado, e, se assim entendesse, podia contar diversas histórias, a que cavalheiros de boa índole talvez sorrissem e que fariam chorar almas mais sentimentais. Mas renuncio às biografias de todos os outros escritvães em troca de algumas passagens na vida de Bartleby, que, de todos eles, era o mais estranho que alguma vez vi ou de que ouvi falar. Enquanto, de outros copistas de leis, podia escrever a vida completa, de Bartleby nada desse género se pode empreender. Acredito que não exista material para uma biografia total e satisfatória deste homem. É uma perda irreparável para a literatura. Bartleby

era um desses seres sobre os quais nada é verificável, excetuando a partir das fontes originais, que no seu caso são escassas. O que os meus próprios olhos atónitos viram de Bartleby: eis tudo o que dele sei, tirando, de facto, um vago relato que aparecerá de seguida.

Antes de apresentar o escrivão como primeiro ele me apareceu, é apropriado que faça menção de mim próprio, dos meus *employés*, do meu negócio, do meu escritório e do ambiente em geral; porque uma descrição desse género é indispensável para um entendimento adequado da personagem principal prestes a ser apresentada.

*Imprimis*: sou um homem que, da juventude para a frente, se encheu da profunda convicção de que, na vida, a via mais fácil é a melhor. Portanto, embora pertença a uma profissão proverbialmente energética e nervosa, por vezes ao ponto da turbulência, não tive até à data de tolerar nada desse género que perturbasse a minha paz. Sou um daqueles advogados sem ambição que nunca interpelam um júri e que de forma alguma atraem o aplauso público, mas que, na calma tranquilidade de um retiro confortável, fazem confortável

negócio entre ações e hipotecas e escrituras de homens ricos. Quem me conhece considera-me um homem eminentemente *de confiança*. O falecido John Jacob Astor<sup>1</sup>, personagem pouco dada a entusiasmos poéticos, não hesitava em enunciar como minha primeira grande qualidade a prudência e, logo a seguir, o método. Não o digo com vaidade, mas apenas para registrar o facto de que não me vi sem emprego na minha profissão graças ao falecido John Jacob Astor, nome que, admito, amo repetir, por causa do seu som rotundo e orbicular, que tilinta como ouro. Permitir-me-ei a liberdade de acrescentar que eu não era indiferente à boa opinião que o falecido John Jacob Astor de mim tinha.

Algum tempo antes do período em que esta pequena história começa, os meus afazeres tinham aumentado grandemente. Fora-me confiado o bom velho cargo, hoje em dia extinto no estado de Nova Iorque, de Magistrado de Chancelaria. Não era um cargo muito trabalhoso, mas era muito agradavelmente remunerado. Raramente perco a paciência; muito mais raramente sou dado a perigosas indignações contra erros e ultrajes; mas permitam-me que seja aqui arrojado e declare que considero

a violenta e súbita anulação do cargo de Magistrado de Chancelaria, pela Nova Constituição, um... ato prematuro, na medida em que eu contara com uma renda vitalícia e, em vez disso, a recebi apenas por alguns breves anos. Mas estou a divagar.

O meu escritório ocupava o primeiro andar do n.º de Wall Street. Numa extremidade dava para a parede branca de um amplo saguão com claraboia, que percorria o edifício de cima a baixo. Esta vista poderia ser considerada por demais desinteressante, parca naquilo a que pintores de paisagens chamam «vida». Mas, se o era, a vista do outro lado do escritório permitia, se mais nada, pelo menos um contraste. Nessa direção, as minhas janelas ofereciam uma vista desobstruída para uma alta parede de tijolo, enegrecida pelos anos e por uma perpétua sombra; parede essa que não requeria telescópio para fazer ressaltar as suas belezas ocultas, que, para benefício de todos os espectadores míopes, se viam a menos de três metros da minha vidraça. Por causa da elevada altura dos edifícios à volta e de o meu escritório ficar no primeiro andar, o intervalo entre essa parede e a minha assemelhava-se, e não pouco, a uma enorme cisterna quadrada.

No período imediatamente precedente à chegada de Bartleby, eu tinha empregado duas pessoas como copistas e um rapaz promissor como moço de recados. Primeiro, o Peru; segundo, o Pinças; terceiro, o Gengibre. Pode parecer o tipo de nomes pouco habituais numa lista telefónica. A verdade é que eram alcunhas, mutuamente atribuídas pelos meus três funcionários, e consideradas representativas das suas respetivas pessoas ou caracteres. Peru era um inglês baixo, anafado, mais ou menos da minha idade, isto é, não muito distante dos sessenta. De manhã, o seu rosto era de uma bela tonalidade rosada, mas, depois das doze horas, o meridiano — hora da sua refeição principal —, brilhava como uma lareira cheia de carvão natalício; e continuava a brilhar — mas sempre decrescendo gradualmente — até às seis horas da tarde, ou por aí, a partir de quando eu deixava de ver o proprietário daquela cara que, conquistando o seu meridiano com o sol, parecia pôr-se com ele, para nascer, culminar e declinar de novo no dia seguinte, com a mesma regularidade e igual glória. Tenho visto muitas coincidências singulares no decurso da minha vida, não menor entre elas

o facto de, exactamente quando Peru exhibia os raios mais luminosos do seu vermelho e radiante semblante, exactamente então, naquele momento crítico, principiar também o período do dia em que eu considerava as suas capacidades de negócio seriamente comprometidas para o resto da jornada. Não que ele ficasse absolutamente ocioso, ou avesso ao negócio; longe disso. O problema era que ele se tornava propenso, de um modo geral, a um excesso de energia. Havia nele um estranho, inflamado, agitado, volúvel descuido de atividade. Tornava-se pouco cauteloso ao mergulhar a caneta no tinteiro. Todos os borrões dele sobre os meus documentos aconteciam depois das doze horas, o meridiano. De facto, não só era descuidado e tristemente dado a fazer borrões de tarde, como em certos dias ia mais longe e se tornava bastante barulhento. Igualmente nessas ocasiões, o seu rosto brilhava com redobrado ardor, como carvão canelado lançado sobre antracite. Fazia um barulho desagradável com a cadeira, derrubava o seu areeiro; tentando reparar as canetas, desfazia-as impacientemente em pedaços e atirava-as todas ao chão num súbito assomo de fúria; levantava-se e inclinava-se sobre

a mesa, amarfanhando os papéis da maneira mais indecorosa, coisa muito triste de se ver num homem idoso como ele. Porém, como era de muitas formas uma pessoa valiosa para mim, e sempre antes das doze horas, do meridiano, também a mais rápida, a mais regular das criaturas, concluindo uma considerável quantidade de trabalho num estilo que não era fácil de igualar — por estas razões, eu estava disposto a ignorar as suas excentricidades, apesar de, de facto, ocasionalmente o admoestar. Fazia-o de modo muito gentil, contudo, porque, embora ele fosse o mais civilizado, não, o mais brando e mais reverencial dos homens de manhã, já de tarde tendia, se provocado, a ser ligeiramente precipitado com a língua; a bem dizer, insolente. Ora, valorizando eu os seus serviços matinais, e decidido a não os perder, mas ainda assim desconfortável com os seus modos inflamados depois das doze, e sendo eu um homem de paz, não querendo com as minhas advertências despertar nele respostas impróprias, resolvi, ao meio-dia num sábado (ele era sempre pior aos sábados), dar-lhe a entender, muito gentilmente, que talvez agora, que estava a ficar mais velho, fosse bom reduzir as suas tarefas.

Em suma, não precisava de vir ao meu escritório depois das doze, e, terminada a refeição, o melhor era ir para casa, para os seus aposentos, e descansar até à hora do chá. Mas não, ele insistia em dedicar-se ao escritório de tarde. O seu semblante tornou-se intoleravelmente fêrvido, à medida que, com retórica, me disse — gesticulando com uma longa régua do outro lado da sala — que, se os seus serviços de manhã eram úteis, quão indispensáveis seriam, então, de tarde?

— Com respeito, senhor — disse Peru naquela ocasião —, considero-me o seu braço-direito. De manhã apenas reúno e posiciono as tropas, mas de tarde ponho-me à cabeça e com galanteria ataco o inimigo, assim! — E deu uma violenta estocada com a régua.

— Mas os borrões, Peru — insinuei.

— Verdade, mas com o devido respeito, senhor, veja bem estes cabelos! Estou a ficar velho. Certamente, senhor, um borrão ou outro numa tarde quente não deve ser severamente evocado contra estas cãs. A velhice, mesmo se borra a página, é digna de honra. Com respeito, senhor, estamos *os dois* a ficar velhos.

Era difícil resistir a este apelo ao meu sentimento de fraternidade. Em qualquer caso, vi que ir, ele não iria. De modo que decidi deixá-lo ficar, resolvendo, porém, certificar-me de que, de tarde, se ocuparia de documentos menos importantes.

Pinças, o segundo na minha lista, de bigodes, amarelento e, no geral, com aspeto de quem se dedicava à pirataria, era um jovem de cerca de vinte e cinco anos. Sempre o considerei vítima de dois poderes maléficos: a ambição e a indigestão. A ambição manifestava-se numa certa impaciência com os deveres de um mero copista, uma usurpação injustificável de atividades que eram estritamente profissionais, tais como o ato de lavrar, originalmente, documentos legais. A indigestão parecia exprimir-se numa ocasional impaciência nervosa e em esgares de irritabilidade, fazendo com que os dentes lhe rangessem audivelmente em conjunto, graças a erros cometidos ao copiar; imprecizações desnecessárias, ciciadas, em vez de ditas em voz alta, no calor do momento; e especialmente num contínuo descontentamento com a altura da mesa a que trabalhava. Embora capaz de grande engenho mecânico, Pinças nunca conseguia que a sua mesa

se lhe ajustasse. Punha-lhe calços por baixo, volumes de várias espécies, pedaços de cartão, e por fim chegou ao extremo de tentar um primoroso ajuste com sobras de mata-borrão dobradas. Mas nenhuma invenção dava resultado. Se, para aliviar as costas, levantava o tampo da mesa num ângulo agudo que lhe chegava quase ao queixo, e ali escrevesse como um homem que usasse o telhado íngreme de uma casa holandesa por secretária, declarava em seguida que isso lhe fazia parar a circulação nos braços. Se agora baixava a mesa até à cintura e se inclinava todo sobre ela ao escrever, logo sentia uma dor aguda nas costas. Em suma, a verdade é que Pinças não sabia o que queria. Ou, se queria alguma coisa, era livrar-se completamente da mesa de escritório. Entre as manifestações da sua ambição doentia contava-se uma predileção por receber visitas de certos indivíduos de aspeto ambíguo, com casacos muito coçados, a quem ele apelidava de seus clientes. De facto, eu estava ao corrente de que não só ele, de vez em quando, se fazia passar por um político local, mas que ocasionalmente fazia pequenos negócios nos tribunais de justiça e não era desconhecido nas escadarias das Catacumbas.<sup>2</sup> Tenho boa razão para

crer, no entanto, que um indivíduo que o procurou no meu escritório e que, com ar solene, ele insistiu ser um seu cliente, não era senão um cobrador e a alegada escritura uma conta. Mas, com todos os seus defeitos e as irritações que me causava, Pinças, como o seu compatriota Peru, era-me um homem muito útil; escrevia com uma caligrafia limpa e ligeira; e, quando queria, não lhe faltavam modos cavaleirescos. A somar a isto, vestia-se sempre como um senhor; e assim, incidentalmente, dava crédito ao meu escritório. Ao passo que, com Peru, tinha de me esforçar para que ele não se tornasse para mim fonte de censura. As suas roupas tendiam a parecer gordurosas e a cheirar a comida de taberna. Usava as calças muito largas e folgadas no verão. Os casacos eram execráveis; o chapéu era de não se lhe tocar. Mas, se eu era indiferente ao chapéu, porquanto a sua cortesia natural e deferência, próprias de um empregado inglês, sempre o levavam a tirá-lo no momento em que entrava na sala, o casaco era outra questão. Discuti com ele acerca dos casacos, mas sem efeito. A verdade era, supponho, que um homem com um rendimento tão baixo não tinha meios para exhibir ao mesmo tempo uma

cara lustrosa e um casaco lustroso. Como Pinças observou em tempos, o dinheiro do Peru era gasto sobretudo em tinta vermelha. Num dia de inverno, presenteei Peru com um casaco meu de aspeto altamente respeitável, um casaco cinzento forrado, do mais confortavelmente quente que havia, e que se abotoava dos joelhos ao pescoço. Pensei que Peru apreciasse o favor, e diminuísse a sua imprudência e obstinação vespertinas. Mas não. Acredito de verdade que abotoar-se num casaco tão macio e tão semelhante a um cobertor tenha exercido sobre ele um efeito pernicioso, pelo mesmo princípio de que demasiada aveia é má para os cavalos. De facto, exactamente como de um cavalo arrebatado e nervoso se diz que sente a aveia, assim Peru sentia o casaco. Tornava-o insolente. Tratava-se de um homem para quem a prosperidade era nociva.

Embora tivesse as minhas suspeitas privadas sobre os hábitos autoindulgentes de Peru, no que toca a Pinças eu estava bastante convencido de que, quaisquer que fossem as suas faltas noutros aspectos, ele era, pelo menos, um jovem moderado. Porém e na verdade, a própria natureza parecia ter sido a sua viticultora e, à nascença, de tal forma o cunhara

tão completamente com uma disposição irritável, predisposta ao conhaque, que se tornou desnecessária qualquer libação subsequente. Quando recordo que, na quietude do meu escritório, Pinças por vezes se erguia impacientemente do lugar e, inclinando-se sobre a mesa, esticava os braços bem abertos, agarrava a secretária e a movia e sacudia com um ameaçador e arrastado movimento pelo chão, como se a mesa fosse um perverso agente cuja intenção fosse frustrá-lo e vexá-lo, entendo perfeitamente que, para Pinças, conhaque e água fossem completamente supérfluos.

Era uma sorte para mim que, devido à sua causa peculiar — indigestão —, a irritabilidade e o conseqüente nervosismo de Pinças se manifestassem sobretudo pela manhã, enquanto de tarde ele era comparativamente brando. Assim, como os paroxismos de Peru só se manifestavam por volta do meio-dia, eu nunca tinha de lidar com as excêntricas dos dois ao mesmo tempo. Os achaques de ambos revezavam-se como sentinelas. Quando Pinças estava de atalaia, Peru tirava folga; e vice-versa. Era um bom acordo natural, dadas as circunstâncias.

«Bartleby, podia dar um pulo aos correios  
e ver se há alguma coisa para mim?»  
“Preferia que não.”»

Num escritório em Wall Street, um reconhecido advogado contrata um jovem escrivão, Bartleby, para ajudar a dar vazão ao incremento de trabalho. De início, Bartleby revela-se exímio no desempenho das suas funções de copiar documentos legais. Um dia, porém, quando é requisitado para rever um texto, o escrivão declina o pedido, declarando, para absoluta surpresa do advogado e do leitor, que «preferia que não». A tensão vai crescendo à medida que Bartleby se nega a cumprir cada vez mais tarefas, não deixando muitas opções ao advogado e narrador desta história singular.

Aclamado como um precursor do Modernismo e do Absurdo na literatura, *Bartleby, o Escrivão*, publicado originalmente em 1853 na *Putnam's Monthly Magazine*, é apontado como um dos mais notáveis e influentes contos da literatura americana, onde Herman Melville reflete sobre uma sociedade em acelerada transformação e desumanização.

P E N G U I N



C L Á S S I C O S

Tradução de Tatiana Faia  
Introdução de Pedro Sobrado



*Thin man in a derby*  
(óleo sobre tela)  
John Armstrong  
(1893-1973)

© Bridgeman Images

ISBN 9789897846632



9 789897 846632 >

penguinlivros.pt

penguinlivros



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial